



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DO LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Urânia Teixeira Amaral*
(UESB)

Geisa Flores Mendes**
(UESB)

RESUMO

O presente artigo busca, por meio de uma discussão teórica, abordar questões referentes à importância da categoria lugar no ensino de Geografia. Tem como objetivo demonstrar que o ensino não deve se restringir à mera pedagogização conteudística, devendo se voltar mais para a compreensão do processo de constante reconfiguração do espaço geográfico, considerando a suma importância de elencar temáticas como as que perpassam a categoria lugar, as quais muitas vezes, acabam sendo transmitidas de maneira descritiva em sala de aula. Diante de tal constatação, buscou-se um embasamento teórico que permitisse a ampliação desta discussão. Assim, foram utilizados autores como Freire (1996), Cavalcanti (2002), Oliva (2004), Morin (2004), Callai (2005), Santos (2009), Nogueira (2005), entre outros pelos quais foi possível contextualizar as discussões.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar, Ensino de geografia, Cotidiano.

INTRODUÇÃO

Tomando por base a configuração socioespacial da atualidade, o educando precisa estar cada vez mais inteirado dos aspectos que envolvem o seu meio.

* Discente do curso de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integrante do grupo de Pesquisa Educação, políticas públicas, meio ambiente e representações. Email: urania6000@hotmail.com.

** Professora Doutora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, políticas públicas, meio ambiente e representações. Email: geisauesb@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Apesar das discussões que tem sido despertadas por muitos pesquisadores sobre a temática, na prática por meio das visitas à sala de aula, nota-se que muitos educadores possuem dificuldades em trabalhar conteúdos com vistas a aproximar o educando do seu cotidiano, este fator propiciou um estudo que viesse contribuir para a prática educativa. Considerando a identidade cultural que diverge de educando para educando, a prática pedagógica poderá proporcionar contribuições, com intuito de afirmar o espaço histórico do aluno. Para a concretização desses questionamentos: “É preciso haver mais créditos, mais ensinamentos. É preciso respeitar o optimum demográfico da classe para que o professor possa conhecer cada aluno individualmente e ajudá-lo em sua singularidade” (MORIN, 2004, p. 99).

Na abordagem da categoria lugar diversos autores demonstram que os lugares apresentam formas diversas e que estão sempre em movimento. Dessa maneira, os sujeitos sociais constroem laços afetivos com o lugar em que habitam, sendo assim, é imprescindível que os educandos tenham conhecimento dos acontecimentos dos espaços de vida deles, a fim de que possam atuar também como sujeitos transformadores da realidade em que vivem.

A construção do saber enfocando a categoria lugar no ensino de Geografia

Conhecer a realidade vivenciada por cada educando é imprescindível para que este, por meio dos conhecimentos prévios, seja instigado a construir novos conceitos e articulações com uma nova prática educativa que o leve a maturar as ideias já existentes. Sobre isso Oliva (2004, p. 47) ressalta: “Pensar as relações espaço geográfico e sociedade, global e local, moderno e tradicional, por exemplo, são aspectos indispensáveis para elaboração de uma geografia que não seja meramente descritiva ou de localização.”



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Isso posto, vale ressaltar que é preciso revisitar a problemática que perpassa as salas de aula, tendo em vista a dinâmica da disciplina Geografia no ensino Fundamental e Médio e suas respectivas categorias de análise. Ao fazer um recorte da categoria lugar propõe-se levantar questionamentos que poderão contribuir para uma reflexão metodológica do ensino de Geografia.

A abordagem está também pautada na concepção de Freire (1996, p.22) que considera a necessidade de compreender que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. A compreensão de Freire torna clara a ideia de que a relação ensino-aprendizagem não pode se restringir a um caráter jornalístico, mas ao abarcar o espaço geográfico, é imprescindível instigar os educandos a fazerem associações do local com o regional, nacional, global e vice-versa.

Em se tratando da categoria lugar somos levados a explorar o estudo da cidade no ensino de Geografia, enfocando as inquietações de alguns autores a respeito da temática. Compreende-se, assim, que é de suma importância que haja uma maior preocupação em buscar alternativas instigantes para os estudos sobre a cidade no âmbito desta disciplina. Isso tem como principal objetivo incentivar os educandos a se posicionarem como cidadãos críticos e conhecedores dos acontecimentos que se desencadeiam na própria cidade em que vivem para, assim, poderem relacionar os mesmos com as transformações socioespaciais numa dimensão global.

Morin (2004) rediscute a ideia de que o local deve estar vinculado ao global aliado à relevância de se estudar os fatos, se preocupando tanto com as partes dos mesmos como com o todo, que as compõem. Caso ocorra a fragmentação dessas partes, a reflexão dos conteúdos acaba sendo atrofiada, sobre isso o autor supracitado reitera: “A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

uma cultura que permitidas a compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (2004, p. 11).

Estes posicionamentos se aproximam da abordagem de Callai, pois ao fazer uma análise sobre a leitura de mapas, a autora destaca que a leitura do mundo está além da interpretação dos mesmos, abrangendo experiências cotidianas que não se resumem à localidade. A autora propõe a necessidade do estudo da complexidade do mundo, sem que se fragmentem os conteúdos dividindo-os em espaços isolados. Sobre isso, a referida autora ainda enfatiza:

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (CALLAI, 2005, p. 228).

Dando continuidade ao que foi mencionado anteriormente, o professor em sua prática pedagógica deve buscar trabalhar os conteúdos de forma crítica e não de maneira tradicional, expondo os fatos de forma linear e descritiva. Para Callai (2005, p. 229), essa é

aquela geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida.

Ainda sobre as discussões de alguns autores a respeito dos estudos do lugar no ensino de Geografia, Cavalcanti faz algumas argumentações que abordam a espacialidade de cada cidade que se associa a uma multiplicidade de aspectos mais abrangentes. Na concepção da autora:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O ensino da Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como espaço aberto e vivo de culturas. O exercício da cidadania na sociedade atual, por sua vez, requer uma concepção, uma experiência, uma prática-comportamentos, hábitos, ações concretas- de cidade. (CALLAI, 2002, p.47).

Sendo assim, vale ressaltar que a escola desempenha papel fundamental na construção do saber, de maneira tal que é de suma importância explorar conteúdos sobre a cidade, até porque, os mesmos tratam de aspectos que dizem respeito às questões socioespaciais, em que ocorrem mazelas sociais mais profundas e por sua vez, são relevantes para que o educando tenha conhecimento da realidade vivenciada. As temáticas relacionadas ao lugar possibilitam que o educando interaja de maneira mais consciente com o seu meio de vida. Sobre tal questão Freire (1996, p 60) destaca: “[...] minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”.

Tomando por base a concepção de autores que tratam do estudo do lugar no ensino de Geografia, os mesmos relatam a questão de sua preponderância, tendo em vista a relevância de interpretar a realidade vivenciada por cada aluno, a fim de compreender a identidade que o mesmo possui (costumes, tradições culturais, expectativas) e por meio disto, tentar instigá-lo a pensar o seu espaço de vivência, com intuito de proporcioná-lo uma visão crítica. Sobre isso, por meio de uma reflexão sócio-constructivista, Cavalcanti (2002, p. 31-32) afirma:

O objetivo maior do ensino é a construção do conhecimento pelo aluno, de modo que todas as ações devem estar voltadas para sua



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

eficácia do ponto de vista dos resultados no conhecimento e desenvolvimento do aluno. Tais ações devem pôr o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, o qual deve ser 'inserido' no processo, como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter como esse meio (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que o leve a um desejo de conhecê-lo.

Fazendo uma articulação das afirmativas de Cavalcanti com a prática educativa, é perceptível que o conhecimento é construído por meio de uma relação processual, em que o educando chega à sala de aula com uma bagagem social e histórica de conhecimentos já adquiridos. E, em se tratando do ensino, Vygotsky (1993) expõe sua visão, afirmando que os alunos quando chegam à sala de aula já possui em suas mentes uma dimensão do espaço vivido por eles. Cavalcanti (2005, p.198) compartilha desta concepção ao destacar que:

[...] as práticas sociais cotidianas tem uma dimensão espacial, o que confere importância ao ensino de Geografia na escola, os alunos que estudam essa disciplina já possuem conhecimentos geográficos oriundos de uma relação direta e cotidiana com o espaço vivido; o desenvolvimento de um raciocínio espacial conceitual pelos alunos depende, embora não exclusivamente, de uma relação intersubjetiva no contexto escolar e de uma mediação semiótica.

Posto isso, o professor deve desempenhar o papel de instigar o aluno para que ele seja capaz de desenvolver o próprio conhecimento que já possui sobre os aspectos reais, do seu cotidiano.

Outro autor que discute essas questões é Freire. Ao relatar a relevância de levar o educado a conhecer o seu espaço de vivência e as relações sociais existentes tanto das pessoas como com a natureza, Freire (2001, p. 234) reitera:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Um lugar é sempre cheio de história e expressa/ mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza. Por exemplo, “Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes?”

A afirmativa de Freire revela a infinidade de conteúdos que podem ser estudados por meio do lugar experienciado pelos educandos. Ao tratar de assuntos que refletem os acontecimentos do seu próprio espaço de vida, o educando é instigado à curiosidade em entender o porquê dos fatos ocorrentes, sem contar que o contato direto com o objeto de estudo é preponderante para facilitar o entendimento e a reflexão dos fatos. Com isso, o educando se torna sujeito do seu conhecimento, podendo levantar opiniões a respeito dos temas, exercitando o pensar criticamente.

Ao enfatizar que o lugar não é algo estático, mas que está em constante movimento e que rompe fronteiras, Callai (2005) reafirma a relação do mundo reproduzido de forma específica até atingir a totalidade e a própria interação entre as manifestações globais com as locais e vice-versa. Para a referida autora, “[...] os lugares, são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade- mundo, da qual são formas particulares” (2005, p. 112).

Santos destaca que o espaço é resultado da história construída pela sociedade e que é a organização espacial do lugar que define suas características, no que tange a política, a economia, a cultura e aos aspectos sociais e espaciais. Em relação a isso o autor afirma:

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou da rejeição do novo, vai



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

depende da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural. (SANTOS, 1988, p. 98).

Em se tratando dessas especificidades entre os espaços e o tempo que cada lugar apresenta, Callai ressalta que ao ler o mundo, é preciso considerar que cada lugar possui uma dimensão diferenciada de espaço-tempo, sendo que enquanto um lugar pode ser mais desenvolvido economicamente, com tecnologia mais avançada, outros podem não apresentar o mesmo nível de avanço técnico. Isso é reflexo de todo um contexto histórico dos lugares. Ao ler o espaço numa perspectiva que parte da realidade vivenciada cotidianamente o educando é conduzido a estabelecer comparações com outras realidades de lugares mais longínquos, analisando as semelhanças e divergências entre eles. É com base nesta compreensão que Callai (2005, p. 241) afirma: “[...] ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta entre o real e o aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido”.

Com relação à cultura, Callai (2005) enfoca a relevância dos educandos adquirirem, na prática educativa, a compreensão da cultura do seu lugar, com intuito de se tornarem sujeitos da sua própria história. Ao conhecer o lugar como parte da vida, o educando se assume como ser pensante e capaz de contribuir na transformação da realidade em que vive, e também o conhecimento “abre a mente” do educando, assim, ele não fica alienado aos interesses externos, transmissores de informações superficiais. Sobre isso também Callai (2005, p. 242) destaca: “Ao se conhecer o lugar como parte da nossa vida, como um dado que nos permite criar uma identidade e termos a idéia de pertencimento, será possível agir para o grupo, e não apenas para servir a interesses externos”.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Os posicionamentos de Callai (2005) se assemelham às concepções de outros autores, como as de Nogueira (2005), que busca entender o lugar também sob uma perspectiva fenomenológica, compreendendo-o não somente como localização, porém como um espaço experienciado por pessoas que ali vivem. Nogueira enfatiza que a fenomenologia, no âmbito da geografia busca priorizar a descrição do mundo vivido, valorizando as experiências do homem, que exerce o papel de descrever o físico e o humano por meio de suas próprias percepções. Para o autor, a categoria lugar é resultado de muitas ações construídas pelo homem e das relações sociais estabelecidas. Então, “[...] o lugar significa não apenas o seu lugar de trabalho, mas de moradia, de amizade, lugar de lazer, lugar de vida lugar de mistérios naturais” (NOGUEIRA, 2005, p. 1054).

Na visão de Merleau-Ponty (1996, p.01), o lugar é tido como espaço de vivências, em que é desvendado por meio da experiência concreta. Sendo assim: “A partir do momento em que a experiência é reconhecida como o começo do conhecimento, não há mais nenhum meio de distinguir um plano das verdades priori e um plano de verdades de fato”.

Para Bailly (1998), o lugar na geografia reflete uma bagagem cultural carregada de simbolismo e de laços sentimentais de afetividade, que as pessoas formam com seu espaço de moradia, de vida. Sobre isso o autor explana: “[...] o homem é ator geográfico, o lugar é seu espaço de vida, todas as relações ai se misturam num labirinto de ligações veiculando nossos sentimentos, nossas memórias coletivas e nossos símbolos” (BAILLY, 1998, p. 216).

Ballesteros, assim como Bailly (1998), concebe o lugar como artefato único, cheio de significados inseridos pelo homem, compreensão esta que ultrapassa a ideia de localização. A autora entende o lugar como:

[...] centro de significados, condição da própria experiência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto para



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

nossas ações e fonte de nossa identidade, o conceito de lugar se opõe ao geometrizado espaço abstrato do neopositivismo e, a diferença deste, está pleno de significados e valores, que são inseparáveis da experiência de quem os habita, de seus pensamentos e sentimentos (BALLESTEROS, 1992, p. 11).

Considerando que o lugar abarca valores e significados e que o estudo do mesmo deve focar essas questões, a escola é essencial na construção do conhecimento, exercendo o papel de tornar o educando não somente produtor do saber, mas que o professor seja um mediador no processo de ensino-aprendizagem, levando o aluno a refletir os acontecimentos a sua volta e pensar como sujeito transformador da história. Isso proporciona ao educando fazer a leitura do mundo de forma crítica. Callai (2000, p. 02) faz considerações a respeito destas questões acrescentando que:

[...] a pesquisa na escola se apresenta como possibilidade de busca/investigação e produção do conhecimento. Um conhecimento que sirva para a vida do aluno, tanto na perspectiva de se reconhecer como um sujeito que tem uma identidade e que perceba o seu pertencimento, tanto quanto um desenvolvimento cognitivo que lhe permita ler o mundo, trabalhar nele tendo as condições necessárias a viver de modo decente.

Ao olhar os lugares para além do aparente, percebe-se a história que está por detrás, as ações dos indivíduos e a origem dos mesmos, a fim de compreender a identidade cultural de cada lugar. Callai (2000, p.04) afirma:

Através da cultura, muitas vezes territorializada no espaço de uma ou de outra forma, pode-se perceber os laços que os indivíduos tramam entre si, as formas de ação em relação ao ambiente, à natureza. Reconhecer a cultura local significa perceber, a história do lugar, as origens das pessoas, as verdades e os valores que pautam as relações entre elas.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Vale salientar a relevância de ter conhecimento não só do lugar de habitação, bem como também entender os acontecimentos da realidade de outros lugares, em diferentes escalas: seja nacional, regional ou global, analisando os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos que perpassam os lugares. Visto que os fenômenos estão interligados, cabe ao professor trabalhar os conteúdos do particular ao universal e vice-versa num movimento dialético. Corroborando com esta necessidade, Callai (2000, p. 05) menciona: “Cada lugar é a seu tempo e a seu modo, uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais. O universal se expressa, se evidencia no particular”.

As reflexões sobre o estudo do lugar elencadas por Callai (2004), se apóiam na construção espacial pela sociedade e na materialização da vivência cotidiana que ao longo do tempo é marcada como a história do lugar. Tais aspectos evidenciam de maneira categórica, a suma importância de o educador levantar questões sobre essa temática.

Os espaços se renovam à medida que o tempo muda. Santos (2009, p.15) afirma:

Os fatos estão todos aí, objetivos e independentes de nós. Mas cabe a nós fazer com que se tornem fatos históricos, mediante a identificação das relações que os definem, seja pela observação de suas relações de causa e efeito, isto é, sua história, seja pela constatação da ordem segundo a qual eles se organizam para formar um sistema.

O autor quer dizer que os fatos se tornam históricos quando as pessoas os identificam e observam, e assim podem produzir o novo neste sistema temporal que também se renova. À medida que o mundo entra no período técnico - científico, a sociedade se universaliza e as questões locais são sempre



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

condicionadas pelas determinações globais. Sobre isso Santos (2009, p.25) destaca:

Com o advento de uma sociedade mundial, também o espaço se tornou mundial. Num mundo que as determinações se verificam em escala internacional, num mundo universalizado, os acontecimentos são comandados direta ou indiretamente por forças mundiais.

O lugar, assim como o espaço, passa por mudanças, visto que a sociedade se transforma e, conseqüentemente, os significados inseridos se renovam. Claro que alguns elementos permanecem e cada lugar evolui numa velocidade diferenciada, uns mais rápidos outros de maneira mais lenta, de acordo com a estrutura social e espacial de cada lugar.

CONCLUSÕES

Discutir as temáticas que são propostas para a construção de novas metodologias no ensino de Geografia é desafio na sociedade contemporânea, visto que é imprescindível inicialmente compreender as transformações socioespaciais tendo como ponto de partida o lugar de vivência do educando e a realidade experimentada pelo mesmo. Cada lugar se desenvolve em velocidades diferentes, pois combinam fatores políticos, econômicos, sociais e culturais de maneiras diversificadas. Ao verificar a relevância do professor compreender a realidade do seu aluno bem como sua identidade cultural, o mesmo deve, por meio do conhecimento prévio do educando, instigá-lo a conhecer mais e a torná-lo crítico. Isso é relevante ao entender que o educando, quando chega à sala de aula, já possui uma relação direta com o seu espaço de vivência e, portanto, cabe ao professor



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

explorar conteúdos embasados nessa realidade o que possibilita ao aluno compreender-se não mais como objeto e sim sujeito da história.

REFERÊNCIAS

- BAILLY, A. S. ET SCARIATI R, L' Humanisme em géographie In: BAILLY,^a et. al. **Les Concepts de la Géographie humaine**. Armand Colin: Paris, 1998.
- BALLESTEROS, G. A. **Geografía y Humanismo**. Oikos-tau. Barcelona. 1992.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a Ler o Mundo: A Geografia Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol.25, nº66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>. > Acesso em: 10/05/2011.
- _____. O Estudo do Lugar Como Possibilidade de Construção da Identidade e Pertencimento. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.
- _____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- _____. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Cad Cedes**, Campinas, vol. 25, nº66, p. 185.207, Maio/ Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>.> Acesso em: 26/12/2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários para a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Martins Fontes: São Paulo, 1996.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- NOGUEIRA, A. R. B. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005, p. 1243-1262.
- OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.
VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes